



Bibliotecando em **Tomar 2017**

Utopias & Distopias:
leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017

Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia - MAAT
e Biblioteca Municipal de Tomar

Ficha Técnica

Título

Bibliotecando em Tomar 2017:
Utopias & Distopias: leituras das de ontem e de hoje

Organização

Agrupamento de Escolas Templários
Câmara Municipal de Tomar
Centro de Formação "Os Templários"
Centro Nacional de Cultura
Instituto Politécnico de Tomar
Rede de Bibliotecas Escolares

Parceria

Fundação EDP
MAAT - Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia

Comissão Organizadora

Agripina Carriço Vieira
Centro de Formação "Os Templários"
António Godinho
Agrupamento de Escolas Templários
Célio Gonçalo Marques
Instituto Politécnico de Tomar
Graça Barão
Rede de Bibliotecas Escolares
Sónia Bastos
Câmara Municipal de Tomar
Teresa Tamen
Centro Nacional de Cultura

Comissão Científica

Agripina Carriço Vieira
António Godinho
Célio Gonçalo Marques
Cristina Azevedo Tavares

Graça Barão
Marco Daniel Duarte
Maria Fernanda Mateus

Comissão Técnica

Coordenação Gráfica: Rui Proença
Coordenação Geral da Gestão de Painéis: Carlos Trincão
Coordenação Informática: Henrique Reis
Design: Gabinete de Comunicação e Imagem do
Instituto Politécnico de Tomar
Programação: Centro de Informática e Sistemas do
Instituto Politécnico de Tomar
Produção de imagem/TV: Radio Hertz

Secretariado e Apoio

Cristina Nunes
Fernanda Henriques
Filipe Vintém
Idalina Varino
Luísa Francisco
Lourdes Jerónimo
Maria de Jesus Cartaxo
Patricia Costa
Rosa Atalaia
Sandra Vieira
Sara Moucho

Data

maio 2017

ISBN

Utopias & Distopias:
leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017

Apresentação

Utopias & Distopias: leituras das de ontem e de hoje

Quer nos reportemos à República de Platão, quer abracemos a modernidade com Hiroshi Ishiguro, um especialista em robótica da Universidade de Osaka que desenvolveu uma cópia robótica de si próprio, à sua imagem e semelhança, que maneja de forma remota, quer se trate apenas de uma pulsão, primária e espontânea, ou uma motivação profundamente esotérica, o homem sempre idealizou para si um mundo diferente daquele que foi conseguindo criar, sem os atavios e dificuldades de uma realidade que mais cedo, quase nunca mais tarde, o limita e constrange, e onde a sua essência natural e humana, cândida e crédula, a seu tempo é contaminada pela sociedade que o acolhe e envolve.

Refletir sobre esta pulsão, projetada na Ciência e na Filosofia, na Educação e na Arte, na Literatura e na Tecnologia, percorrendo as artérias da Utopia, de More, ou regressando à Ilha dos Amores, de Camões, para daí projetar o caminho rumo ao futuro, real e paralelo, é o que vos propomos fazer nesta nova edição do "Bibliotecando em Tomar de 2017: Utopias & distopias: leituras das de ontem e de hoje", a decorrer nos dias 5 e 6 de maio de 2017.

Estão confirmadas as presenças de:

André Martins, Eduardo Paz Ferreira, Elvira Fortunato, Fátima Vieira, Guilherme d'Oliveira Martins, João Caraça, Joaquim Alves da Silva, Jorge Leitão Ramos, Maria Flor Pedroso, Margarida Gil, Paulo Dentinho, Pedro Gadanho, Rui Zink e Susana Ventura no dia 5 de maio no MAAT.

Alexandre Quintanilha, Ana Paula Arnaut, António Perez Metelo, David Justino, Gonçalo M. Tavares, Guilherme d'Oliveira Martins, João Costa, José Carlos Vasconcelos, José Pacheco Pereira, Miguel Real e Ricardo Pais Mamede, no dia 6 de maio na Biblioteca Municipal de Tomar.

Para mais informações utilize o endereço: bibliotecandoemtomar2017@gmail.com

Utopias & Distopias:
leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017

Programa

5 de maio (Sexta-feira)

Local: Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia

09h 30

Acolhimento - Entrega de documentação

10h 00 - Sessão solene de abertura

Guilherme d'Oliveira Martins - Comissão de Honra

Miguel Coutinho - Fundação EDP

Anabela Freitas - Câmara Municipal de Tomar

António Godinho - Comissão Organizadora

11h 00 - 1. Painel: Utopias e Distopias

• Guilherme d'Oliveira Martins

• João Caraça

• Eduardo Paz Ferreira

Debate

11h 45 - Pausa social e café

12h 10 - 2. Painel: Utopia e Distopia no Cinema |

Maria Flor Pedroso

• Jorge Leitão Ramos

• Margarida Gil

• Gonçalo M. Tavares

Debate

Almoço

Visita livre às exposições

16h 00 - 3. Painel: Da Utopia à Distopia: Mudança de Paradigma na Cultura Contemporânea | Pedro Gadanho

• Rui Zink

• Fátima Vieira

• Susana Ventura

Debate

17h 00 - 4. Painel: Ciência: que relação com a Utopia? | Paulo Dentinho

• Elvira Fortunato

• André Martins

• Joaquim Alves da Silva

Debate

6 de maio (Sábado)

Local: Biblioteca Municipal de Tomar

09h 30 - 5. Painel: Utopia na Literatura

Contemporânea |

José Carlos Vasconcelos

• Miguel Real

• Ana Paula Arnaut

Debate

11h 45 - Pausa social e café

11h 10 - 6. Painel: Utopia e Educação | Anabela Freitas

• David Justino

• Alexandre Quintanilha

Debate

Almoço: Congresso da Sopa (Parque do Mouchão - Tomar)

15h 00 - 7. Painel: Utopia, Economia & Sociedade |

António Perez Metello

• José Pacheco Pereira

• Ricardo Pais Mamede

Debate

16h 00 - 8. Painel: Utopias e Distopias

• Guilherme d'Oliveira Martins (Presidente da Comissão de Honra)

• João Costa (Secretário de Estado da Educação)

Assinatura de Protocolo entre o Instituto Politécnico de Tomar e o Centro Nacional de Cultura

Sessão de encerramento

Guilherme d'Oliveira Martins (Presidente da Comissão de Honra)

Anabela Freitas (Presidente Câmara Municipal de Tomar)

Agripina Carriço Vieira (Centro de Formação "Os Templários")

António Godinho (Agrupamento de Escolas Templários)

Célio Gonçalo Marques (Instituto Politécnico de Tomar)

Graça Barão (Rede de Bibliotecas Escolares)

Sónia Bastos (Município de Tomar)

Teresa Tamen (Centro Nacional de Cultura)

Utopias & Distopias:
leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017



Alexandre Quintanilha

Nasceu e completou o liceu em Lourenço Marques (Maputo) Moçambique.

Doutorou-se em física teórica na Witwatersrand University, Johannesburg, em 1972. Passou as duas décadas seguintes na University of California at Berkeley e no Lawrence Berkeley National Laboratory como professor de fisiologia celular e biofísica e director do Center for Environmental Studies. Veio para o Porto no início dos anos 90 como professor de biofísica no ICBAS-UP. Fundou e foi até 2010, diretor do IBMC. Dirigiu o Laboratório Associado IBMC-INEB e presidiu ao grupo responsável pela implementação do consórcio i3S, que para além destes dois institutos, integrou também o IPATIMUP. É membro de várias academias internacionais e presidiu a vários comités da ESF, da OECD, da Comissão Europeia (Marie Curie, ELSA, membro do EURAB e do STAC) e de outras organizações internacionais de investigação. Atualmente é presidente da Comissão de Ética para a Investigação Clínica (CEIC), do Conselho de Escola da Escola Nacional de Saúde Pública e do Conselho Consultivo da Hospital Magalhães de Lemos. E desde 2015 preside à Comissão Parlamentar de Educação e Ciência. Tem uma vasta obra publicada de artigos

e livros científicos. Os seus interesses actuais são nas áreas do stress biológico, percepção do risco, divulgação do conhecimento e políticas de ciência.

Comunicação

“Para que serve a educação?”

Utopias & Distopias:
leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017



Ana Paula Arnaut

Paula Arnaut nasceu a 12 de Junho de 1964. É doutorada com agregação pela Universidade de Coimbra, onde leciona Literatura Portuguesa Contemporânea. Publicou *Memorial do Convento. História, Ficção e Ideologia* (1996), *Post-Modernismo no Romance Português Contemporâneo: Fios de Ariadne-Máscaras de Proteu* (2002); *Homenagem a Cristóvão de Aguiar: 40 anos de vida literária* (2005) (org.), *José Saramago* (2008), *Entrevistas com António Lobo Antunes. 1979-2007. Confissões do Trapeiro* (ed.) (2008), *António Lobo Antunes* (2009), *António Lobo Antunes: a Crítica na Imprensa. 1980-2010. Cada um Voa como Quer* (ed.) (2011). *As mulheres na ficção de António Lobo Antunes. (In)variantes do feminino* (2012), *Viagens do Carnaval: no espaço, no tempo, na imaginação* (2014) (coedição Maria Aparecida Ribeiro).

Tem também artigos publicados em inúmeras revistas nacionais e internacionais.

Comunicação

“A dimensão utópica nos romances de José Saramago”

Resumo

Na ficção saramaguiana, a procura de uma (im)possível sociedade livre e perfeita pode assumir contornos de tonalidades diversas das utopias tradicionais, não implicando, necessariamente, a ideia de deslocalização ou de realocação espacial. Pelo contrário, o ideal utópico do autor supõe uma busca que se traduz em processos de (re)aprendizagem que começam e acabam no próprio ser humano, tornando possível verificar uma (aparente) presença de afinidades com alguns vetores da tradição religiosa que sempre recusou e a aproximação (efetiva) a uma outra dimensão espiritual: a de certos rituais maçónicos.

Utopias & Distopias:
leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017



Anabela Freitas

Anabela Gaspar de Freitas, Presidente da Câmara Municipal de Tomar

Nasceu e estudou em Tomar, tendo concluído a sua formação superior no Instituto Politécnico de Tomar, em Recursos Humanos.

Tem 50 anos, 1 filho de 14, e profissão de Técnica de Emprego do quadro do Instituto de Emprego desde 1986

Das suas atividades fora da política e da sua profissão, cumpre destacar o fato de ter sido durante vários anos campeã nacional na modalidade de Badminton, pelo Sporting Clube de Tomar, entre outros clubes. É apaixonada pelos desportos motorizados, pelo Teatro, pelas big bands, orquestras e pela escrita policial.

Exerceu, entre 2005 e 2009, as funções de Diretora do Centro de Emprego de Tomar, ano em que rumou à Assembleia da República como deputada, até às eleições de 2011. Aí, fez dezenas de intervenções em plenários, tendo integrado a Comissão de Trabalho, Segurança Social e Administração Pública e a Comissão de Assuntos Europeus, Ética, Sociedade e Cultura. Foi a representante do grupo Parlamentar do PS ao 18.º Congresso da Organização Internacional do Tra-

balho (OIT). Foi coordenadora do Grupo de Trabalho da Assembleia da República do Emprego protegido (na área das deficiências).

Tendo integrado de novo a lista de candidatos a deputados pelo PS, em 2011, tomou posse nesta legislatura (2011-15), tendo estado em 2012-3, integrada a Comissão de Orçamento, Finanças e Administração Pública.

Profissionalmente esteve colocada em vários dos Centros de Emprego do Distrito de Santarém.

Na qualidade de Presidente da Câmara Municipal de Tomar desempenha ainda as seguintes funções: Presidente da Assembleia Geral da Rede de Judiarias; Membro da Direção da Associação de Municípios de Vale do Tejo; Membro da Direção da Resitejo Associação de Gestão e tratamento dos Lixos do Médio Tejo; Membro da Direção da ADIRN - Associação para o Desenvolvimento Integrado do Ribatejo Norte; É membro do Comité Diretor do Conselho dos Municípios e Regiões da Europa em representação da Associação Nacional de Municípios Portugueses.

A nível associativo foi Presidente da Assembleia Geral do Sporting Clube de Tomar, filial número 1 do Sporting Clube de Portugal.

Utopias & Distopias: leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017



André Martins

André Martins é investigador na Unbabel, professor auxiliar convidado no Instituto Superior Técnico e membro do Instituto de Telecomunicações. É um dos co-fundadores e organizadores da Lisbon Machine Learning Summer School (LxMLS). Em 2012, obteve o doutoramento dual em "Language Technologies" na Universidade de Carnegie Mellon e no Instituto Superior Técnico. Os seus interesses actuais de investigação incluem o processamento de linguagem natural, a tradução automática e a aprendizagem estatística. Obteve o prémio de melhor artigo no Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics (ACL) pelo seu trabalho na sintaxe de linguagem natural. A sua dissertação de doutoramento foi galardoada com o prémio científico IBM em 2012 e com uma menção honrosa na School of Computer Science da Universidade de Carnegie Mellon.

Comunicação

Utopia, Tradução Automática e Inteligência Artificial

Resumo

Tal como a literatura utópica, também a Ciência recorre a representações idealizadas do mundo real: os modelos científicos. Como sintetizado na célebre frase "All models are wrong but some are useful", os modelos científicos são aproximações simplistas, mais ou menos grosseiras, assentando em suposições erradas -- no entanto, são instrumentos fundamentais para poder compreender o mundo real.

Para ilustrar este ponto, vou abordar o problema da tradução automática, cujo objectivo -- utópico! -- é o de construir uma máquina capaz de traduzir entre quaisquer línguas, possibilitando a comunicação fluente entre indivíduos de diferentes nacionalidades. Se esta máquina existisse em 1516, poderíamos imaginar o português Raphael Hithlodæus descrevendo na sua língua nativa a ilha de Utopia ao seu interlocutor Thomas More, que o escutaria em Inglês. Em 1947, Warren Weaver e Claude Shannon introduziram o "modelo do canal ruidoso", que permaneceu durante mais de 60 anos como o modelo dominante na tradução automática estatística.

Também a ficção científica e a Inteligência Artificial têm uma relação interessante. Em "2001, Uma Odisseia no Espaço", o computador HAL 9000 exibe faculdades comparáveis aos humanos, sendo capaz de compreender e falar a nossa linguagem, de elaborar estratégias para resolver problemas, de recolher dados interagindo com o ambiente exterior e de tomar decisões com base nestes dados. Este computador é o retrato do optimismo que se seguiu à conferência de Dartmouth em 1956, a qual marcou o início da Inteligência Artificial enquanto área de investigação científica. Hoje, décadas depois e superados vários invernos, assistimos novamente a importantes avanços científicos e à sua materialização em tecnologias que se vão "entranhando" nas nossas vidas: desde os vulgares filtros de spam até aos veículos autónomos, passando pelos assistentes pessoais digitais e por máquinas capazes de derrotar campeões humanos em jogos complexos como o Go. Todos estes sistemas empregam técnicas de aprendizagem automática ("machine learning"), aprendendo a partir de grandes quantidades de dados e aperfeiçoando o seu desempenho com a experiência.

Porém, como sabemos, o HAL 9000 teve um fim trágico, e a incapacidade do Homem em controlar o avanço tecnológico é um tema recorrente em muitas distopias. Alguns cientistas, como Stephen Hawking, vêem na Inteligência Artificial o maior perigo para a sobrevivência da espécie humana. Serão estes alarmismos justificados? Que perigos estão iminentes?

Utopias & Distopias:
leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017



António Perez Metelo

Colaboradora da Revista Visão e conferencista. InvestAntónio Perez Metelo, 67 anos, licenciado em Economia pelo ISCEF (hoje ISEG), jornalista de assuntos económicos na RTP (1978/90 e 2015/16), na SIC (1992/99) e TVI (2003/15); cronista e comeador na TSF (1990/2014), no JN (2003) e no DN (2004/2014).

Foi porta-voz da CM de Lisboa (1990/92) e Conselheiro para a Cooperação na Missão de Portugal em Díli, Timor-leste (2000/02).

É pai de 3 filhos e de 4 netos.



David Justino

Licenciado em Economia, pós-graduado em História Económica e Doutorado em Sociologia, é actualmente Professor Associado com Agregação do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e investigador do CICS.NOVA Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, onde coordena a área de estudos de educação.

A sua reflexão tem incidido nos últimos anos sobre as temáticas da sociologia da educação e da sociologia histórica da modernidade em Portugal. Publicou em torno destas duas temáticas os livros *Difícil é Educá-los (FFMS)* e *Fontismo, Liberalismo numa Sociedade liberal (D. Quixote. Leya)*.

Recebeu o Prémio Gulbenkian de Ciência 1987 (Ciências Sociais e Humanas).

Foi Ministro da Educação do XV Governo Constitucional (2002-2004).

Foi Assessor para os Assuntos Sociais do Presidente da República.

Preside ao Conselho Nacional de Educação.

Comunicação

Educação: entre o mito e a utopia

Utopias & Distopias:
leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017



Eduardo Paz Ferreira

Eduardo Paz Ferreira lançou recentemente o livro *Por uma Sociedade Decente*, que dá continuidade a uma intensa actividade editorial e cívica.

A esse propósito, José Tolentino Mendonça escreveu: "Eduardo Paz Ferreira é um mestre. A sua voz, cada dia mais fundamental, distingue-se no Portugal contemporâneo".

Professor Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Decano do Grupo de Ciências Jurídico- Económicas. Cátedra Jean Monnet em economia comunitária. Presidente dos Institutos de Direito Económico, Financeiro e Fiscal (IDEFF) e Europeu (IE) e coordenador do Centro de Investigação CIDEFF da Faculdade.

Membro do Conselho Geral da Universidade de Lisboa e do Conselho de Escola da Faculdade de Medicina Dentária. Foi presidente da assembleia de Representantes, do Conselho Pedagógico e do Instituto de Cooperação da FDUL.

Orientou largas dezenas de dissertações de doutoramento e mestrado e leccionou em universidades angolanas, brasileiras e moçambicanas. Tem uma vasta obra científica nas áreas das finanças públicas,

do direito financeiro, do direito fiscal, do direito da concorrência e da regulação, do direito europeu, do direito internacional do desenvolvimento e dos mercados financeiros.

É presidente do Observatório da Concorrência, Fundou e é director da Revista de Finanças Públicas e Direito Fiscal e presidente do Conselho Científico da revista Regulação e Concorrência, igualmente por si fundada.

Foi Chefe de Gabinete do Ministro dos Negócios Estrangeiros, José Medeiros Ferreira, vogal do Conselho Superior do Ministério Público e do Instituto de Gestão do Crédito Pública e integra, há largos anos, os júris de selecção dos juizes do Tribunal de Contas. Presidiu à Associação Fiscal Portuguesa.

Preparou diversos ante-projectos de lei, especialmente nas áreas da dívida pública, fiscalidade, finanças regionais, finanças locais, sector empresarial do Estado e sector empresarial autárquico.

Sócio fundador da Eduardo Paz Ferreira e associados, sociedade de advogados.

Foi presidente do Conselho Fiscal e da Comissão de Auditoria da Caixa Geral de Depósitos.

É sócio-correspondente da Academia de Ciências (Secção de Economia).

Tem organizado dezenas de conferencias sobre temas económicos e jurídicos e acompanhado, de modo especial, a crise de 2008 e os seus desenvolvimentos posteriores. As suas obras mais recentes incluem: Conferência Crise, Justiça Social e Finanças Públicas (co-organizador), Coleção Colóquios IDEFF, 2009. 25 Anos na União Europeia 125 Reflexões, (coordenador), Almedina, 2011, Troika Ano II (co-organizador), Edições 70, 2012, A Austeridade Cura? A Austeridade Mata?, Coordenador, AAFDL, 2013, Crónicas de Anos de Chumbo, Edições 70, 2013, Da Europa de Schuman à não Europa de Merkel, Quetzal, 2014, Encostados à Parede Crónicas de novos anos de chumbo, Quetzal, 2015, Por uma Sociedade Decente, Marcador, 2016 e União Europeia Reforma ou Declínio, (Coordenador) Nova Vega, 2017.



Elvira Fortunato

Professora Catedrática da Universidade Nova de Lisboa e Directora do Centro de Investigação de Materiais. Doutoramento Honoris Causa pela Universidade de Galati em 2009. Agraciada com a Ordem do Infante D. Henrique, grau Grande Oficial nas comemorações do 10 de Junho de 2010, Medalha Blaise Pascal atribuída pela Academia Europeia de Ciências na Área da Ciência dos Materiais em 2016 e Prémio Czochralski 2017 atribuído pela Academia de Ciências Polaca em conjunto com o E-MRS na área da Ciência dos Materiais Avançados.

Comunicação

Neste seminário serão mostrados alguns exemplos da utilização de materiais convencionais em aplicações não convencionais e a importância que os materiais verdes têm para um futuro sustentável.

Utopias & Distopias:
leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017



Fátima Vieira

Fátima Vieira é Professora Associada com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde leciona desde 1986. Foi Presidente da associação Utopian Studies Society/Europe entre 2006 e 2016; é coordenadora do Pólo do Porto do CETAPS - Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies, onde dirige uma linha de investigação sobre o utopismo britânico e norte-americano e colaboradora do ILC - Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, onde tem coordenado projetos de investigação sobre o utopismo português; é Coordenadora do projeto de investigação financiado pela FCT "Utopia, Alimentação e Futuro: O Modo de Pensar Utopico e a Construção da Sociedades Inclusivas - Um Contributo das Humanidades" e ainda do projeto de extensão universitário Utopia500.

Fátima Vieira é diretora da coleção "Nova Biblioteca das Utopias" (Afrontamento) e de dois periódicos eletrónicos: E-topia e Spaces of Utopia. É ainda Book Review Editor do periódico norte-americano Utopian Studies.

Em 2013, Fátima Vieira foi galardoada com o Larry E. Hough Distinguished Service Award, instituído pela associação americana e canadiana Society for

Utopian Studies com vista a distinguir o trabalho consistentemente desenvolvido por académicos e investigadores da área dos Estudos sobre a Utopia durante um período considerável de tempo.

Resumo

Das grandes narrativas utópicas às grandes narrativas distópicas e às narrativas disruptivas contemporâneas

Se o século XIX nos ofereceu as mais belas e ingénuas narrativas utópicas, as primeiras décadas do século XX legaram-nos descrições de um futuro ameaçador, um registo que se perpetuou pelo resto do século, com um breve período em que se celebrou a esperança utópica essencialmente de feição ecológica e feminista no final da década de 60 e durante a década de 70. Mas estarão a utopia e a distopia em polos opostos? E será que estes conceitos, tal como têm vindo a ser entendidos, nos dão os instrumentos necessários para entendermos a contemporaneidade e descrevermos a mudança de paradigma que claramente vivemos? Na minha intervenção, proponho que revisitemos a questão do ponto de vista narrativo.

Utopias & Distopias:
leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017



Gonçalo M. Tavares

Gonçalo M. Tavares nasceu em 1970. Desde 2001 publicou livros em diferentes géneros literários e está a ser traduzido em mais de 50 países.

Os seus livros receberam vários prémios em Portugal e no estrangeiro. Com *Aprender a rezar na Era da Técnica* recebeu o Prix du Meilleur Livre Étranger 2010 (França).

Alguns outros prémios internacionais: Prémio Portugal Telecom 2007 e 2011 (Brasil), Prémio Internazionale Trieste 2008 (Itália), Prémio Belgrado 2009 (Sérvia), Grand Prix Littéraire du Web Culture 2010 (França), Prix Littéraire Européen 2011 (França). Foi também por diferentes vezes finalista do Prix Médicis e Prix Femina. *Uma Viagem à Índia* recebeu, entre outros, o Grande Prémio de Romance e Novela APE 2011.

Os seus livros deram origem, em diferentes países, a peças de teatro, dança, peças radiofónicas, curtas-metragens e objetos de artes plásticas, dança, vídeos de arte, ópera, performances, projectos de arquitectura, teses académicas, etc.

Utopias & Distopias:
leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017



Guilherme d' Oliveira Martins

Guilherme d'Oliveira Martins (n. Lisboa, 1952)

É Presidente do Grande Conselho do Centro Nacional de Cultura e Administrador Executivo da Fundação Calouste Gulbenkian.

Licenciado e Mestre em Direito. Professor Universitário Convidado.

Doutoramento Honoris Causa pela Universidade Lusíada

Doutoramento Honoris Causa pela Universidade Aberta

Doutoramento Honoris Causa pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas - ISCSP (12 de Outubro 2016)

Foi Presidente do Tribunal de Contas (2005-2015). Nos Governos de Portugal foi, sucessivamente, Secretário de Estado da Administração Educativa (1995-1999), Ministro da Educação (1999-2000), Ministro da Presidência (2000-2002) e Ministro das Finanças (2001-2002). Foi Presidente da SEDES - Associação para o Desenvolvimento Económico e Social (1985-1995) e Vice-Presidente da Comissão Nacional da UNESCO (1988-1994). Foi Presidente da Comissão do Conselho da Europa que elaborou a Convenção de Faro sobre o valor do Património Cultural na sociedade contem-

porânea [Faro, (Portugal) 27 de Outubro de 2005]. Foi Presidente da EUROSAI - Organização das Instituições Superiores de Controlo das Finanças Públicas da Europa (2011-2014) e Presidente do Conselho de Prevenção da Corrupção (2008-2015).

Autor de diversas obras, entre as quais: *Oliveira Martins, Uma Biografia* (1986); *Ministério das Finanças, Subsídios para a sua História no Bicentenário da Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda* (1988); *Escola de Cidadãos* (1992); *O Enigma Europeu* (1994); *Educação ou Barbárie?* (1999); *O Novo Tratado Constitucional Europeu* (2004); *Portugal, Identidade e Diferença – Aventuras da Memória* (2007; 2 ed. 2008; 3 ed. 2015); *Património, Herança e Memória – A Cultura como Criação*, 2009, 2 ed. 2011; *Mounier: O Compromisso Político*, de Guy Coq (tradução e prefácio), 2012; *Na Senda de Fernão Mendes – Percursos Portugueses no Mundo*, 2014, 2 ed. 2015.

Resumo

«Quando lemos a «Utopia» de Tomás Morus percebemos que não se trata da apresentação de um modelo finalista da sociedade e do homem. A utopia, de facto, segue a etimologia e refere-se ao que não tem lugar. Trata-se, porém, de um horizonte de exigência em nome do reconhecimento da imperfeição da humanidade e da perfectibilidade das pessoas. O tempo veio a revelar que muitas utopias se tornaram tentativas de criar sociedades perfeitas ou modos de imposição – mas tal pressuporia o fechamento e a tentação da procura dos virtuosos. E os extremos tocam-se. Eis por que razão depressa as utopias se tornaram distopias. Quando Aldous Huxley fala do «Admirável Mundo Novo» usa de ironia para classificar uma suposta perfeição que esconde a opressão e a incapacidade de criar liberdade, autonomia e emancipação. Essa utopia torna-se o contrário dela mesma e esconde a subtil limitação da singularidade e da solidariedade livre. O «Grande Irmão» de George Orwell é assim a prefiguração de uma suposta vitória da técnica – hoje bem presente nos nossos omnipresentes telemóveis.

Utopias & Distopias:
leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017

«Mil Novecentos e Oitenta e Quatro» talvez pensasse sobretudo num outro «Grande Irmão» político mas o certo é que há uma extensa irmandade a espreitar-nos, e quase não nos apercebemos disso. E Morus alerta-nos: «se não posso prestar assentimento a tudo o que foi dito, muito embora o tenha sido por um homem que na sua grande erudição está para além de qualquer suspeita, é simultaneamente grande conhecedor das coisas humanas, também me é fácil confessar que muitíssimas coisas há na terra da Utopia que gostaria de ver implantadas nas nossas cidades, em toda a verdade e não apenas em expectativa»... Eis o desconto necessário».

Utopias & Distopias:
leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017



Joaquim Alves da Silva

Joaquim Alves da Silva - Psiquiatra e investigador em neurociência básica. É actualmente membro do Programa de Formação Médica Avançada da Fundação Calouste Gulbenkian. Faz parte do Laboratório de Neurobiologia da Acção (Champalimaud Research). Nos últimos 5 anos tem estudado as bases neuronais do início do movimento, utilizando luz para controlar a actividade dos neurónios e assim perceber o papel destes no comportamento de modelos animais.

Comunicação

Controlar circuitos neuronais com luz: Da utopia à realidade

Perceber como funciona o cérebro constitui um dos maiores desafios da humanidade. É talvez um dos melhores exemplos do espírito utópico da ciência. Como perceber um órgão que contém mais sinapses do que o número de estrelas que existem na nossa galáxia?

Uma das melhores formas de perceber como é que algo funciona é podendo desligar ou ligar partes de modo a perceber como é que estas partes influenciam o todo. Num órgão complexo como o cérebro

para além de diferentes 'partes' (núcleos, córtex etc), estas partes têm diferentes 'peças' (neurónios de diferentes tipos). Francis Crick foi o primeiro cientista a propor que talvez a utilização da luz pudesse ser uma das formas de controlar o padrão de activação de diferentes subtipos de neurónios. O que parecia ser uma ideia utópica foi encarado por alguns cientistas que com contribuições diferentes tornaram possível o que se chama hoje de optogenética: A utilização de luz para controlar ou gravar a actividade de subpopulações neuronais. Nesta apresentação iremos partilhar o trabalho que temos desenvolvido utilizando estas técnicas para perceber qual é o papel dos neurónios dopaminérgicos na produção de movimentos espontâneos.

Utopias & Distopias:
leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017



João Caraça

Doutorado em Física Nuclear (Oxford) e Agregado em Física (Lisboa) João Caraça foi Director da Delegação em França da Fundação Calouste Gulbenkian até 2016. Fora anteriormente Director do Serviço de Ciência desde 1988 até 2011. Foi membro do Conselho Directivo do EIT-Instituto Europeu de Inovação e Tecnologia de 2008 a 2012. Integra o Comité de Direcção do Forum Europeu de Filantropia e Ciência.

Professor catedrático convidado do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa coordenou, entre outras funções, o Mestrado em Economia e Gestão de Ciência, Tecnologia e Inovação (1990-2003).

Foi Consultor para a Ciência do Presidente da República de 1996 a 2006 e é autor de mais de uma centena e meia de trabalhos científicos. Foi Presidente do Conselho Consultivo da COTEC Associação Empresarial para a Inovação. Os seus interesses centram-se nas áreas da política científica e tecnológica, da prospectiva e da história do pensamento e da cultura.

Publicou *Do Saber ao Fazer: Porquê Organizar a Ciência* (1993), *Ciência* (1997), *Entre a Ciência e a Consciência* (2002) e *À Procura do Portugal Moderno*

(2003). Participou na redacção de *Limites à Competição* (1994) e de *A Nova Primavera do Político* (2007) e na organização de *O Futuro Tecnológico* (1999), de *Ideias Perigosas para Portugal* (2010) e de *Rescaldo e Mudança: As Culturas da Crise Económica* (2012).

Noutras línguas publicou *Science et Communication* (1999) <http://bit.ly/1NOEOgF> e mais recentemente *Aftermath: The Cultures of the Economic Crisis* (2012) <http://bit.ly/23H4mNf>.

Comunicação

UTOPIAS, UCRONIAS, DISTOPIAS

Resumo

A utopia é um género literário que se adaptou bem à discussão sobre a melhor forma de governar (e por quem). Acompanha-nos, pelo menos, desde os gregos clássicos. A última grande utopia, a Nova Atlântida (1627) de Francis Bacon, publicada um pouco mais de um século após a Utopia de Thomas More, descreve o mundo perfeito onde os homens dominam a natureza por meio da ciência.

O conhecimento geográfico da Terra proporcionado pelos Descobrimentos e pela navegação oceânica esvaziou progressiva e inexoravelmente o sentido da escrita utópica. Em nenhum dos sítios do mundo, nem nos mais remotos, existiam sociedades que pudessem servir de modelo às europeias. Apareceram então as «ucronias», ou comunidades ficcionais pertencendo a outras épocas num futuro mais ou menos distante, servindo para alimentar a convicção de que seria possível antecipar o que se passaria em eras futuras.

A segunda Grande Guerra correspondeu a uma bifurcação no desenvolvimento do pensamento sobre o futuro. A sua imagem escureceu. Os desmandos da industrialização e os horrores da guerra trouxeram-nos um outro tipo de narrativas – as «distopias» ou lugares ruins, com todo o seu cortejo de iniquidades e arbitrariedades. Não admira, as nações europeias pareciam ter perdido o norte.

Utopias & Distopias:
leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017

Hoje, o confronto entre globalização e construção dos estados provoca de novo a necessidade absoluta de saber interpretar a realidade, para definirmos qual a nova ordem no mundo que nos vai trazer aquilo a que aspiramos. Será que estamos no fim, numa transformação, ou num acidente de percurso do regime da modernidade? Para o perceber, precisamos de criar uma nova utopia. O futuro procura-se, nunca se encontra.

Utopias & Distopias:
leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017

João Costa

Secretário de Estado da Educação.

Professor Catedrático do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Licenciado em Linguística pela Universidade de Lisboa e Doutor em Linguística pela Universidade de Leiden, nos Países Baixos. Parte dos seus estudos de doutoramento foram passados no MIT (Massachusetts Institute of Technology).

A sua atividade de investigação e docência dedica-se, sobretudo, à sintaxe teórica, à aquisição da linguagem e às perturbações do desenvolvimento linguístico, tendo algum trabalho na área da linguística educacional. É autor de vários livros e de dezenas de artigos, sendo membro do comité científico e editorial de algumas das mais importantes revistas e congressos.

Foi professor convidado em várias universidades, tendo lecionado no Brasil, nos Países Baixos, em Espanha, em França e em Macau.

Foi Diretor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, até novembro de 2015.

Foi Presidente do Conselho Científico das Ciências Sociais e Humanidades da Fundação para a Ciência e Tecnologia, até novembro de 2015.

Integrou o Conselho Científico do Plano Nacional de Leitura, o Conselho Científico do Instituto Internacional da Língua Portuguesa e Conselho Consultivo da Língua e Cultura do Instituto Camões.

Resumo

Será utópico pensar que todas as crianças e jovens têm direito a apreender e que a condição socioeconómica das famílias deixa de ser um preditor de sucesso?

Será utópico pensar que há uma escola que não se conforma com a exclusão de alguns alunos?

O lugar mau, nos antípodas da utopia do sucesso para todos, é aquele em que o sucesso escolar é um privilégio de uma elite conformada, que explora a ignorância de uns e dela se alimenta.

Se a literatura nos alimenta de utopias e distopias, a biblioteca abre a porta à transformação do horrível em possível.

A comunicação destacará o papel que se pretende que as bibliotecas escolares assumam no desenvolvimento do perfil de competências dos alunos, na promoção do sucesso escolar e no quadro da missão atribuída ao Plano Nacional de Leitura.

Será dada ênfase ao papel das bibliotecas nas seguintes dimensões:

- a) desenvolvimento de múltiplas literacias;
- b) promoção de integração curricular;
- c) envolvimento da família e literacia nos adultos;
- d) ação ao primeiro sinal de dificuldade;
- e) desenvolvimento de competências de cidadania.



Jorge Leitão Ramos

JORGE LEITÃO RAMOS (1952) licenciou-se em Engenharia Electrotécnica pelo Instituto Superior Técnico, em 1975. Iniciou actividade como crítico de cinema, em 1975 no Expresso, tendo-a exercido em continuidade (Jornal Novo - 1975-1976, Diário de Lisboa - 1976-1988). Desde 1988 que é crítico de cinema do Expresso.

Historiador do cinema português, publicou Dicionário do Cinema Português 1962-1988 (ed. Caminho, 1989), Dicionário do Cinema Português 1989-2003 (ed. Caminho, 2005) galardoado com o Prémio José Figueiredo 2006, da Academia Nacional de Belas -Artes Dicionário do Cinema Português 1895-1961 (ed. Caminho, 2012), Fernando Lopes Um Rapaz de Lisboa (ed. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012) e José Fonseca e Costa Um Africano Sedutor (ed. Guerra e Paz, 2016).

Comunicação

UTOPIAS E DISTOPIAS NO CINEMA PORTUGUÊS.

Utopias & Distopias:
leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017



José Carlos Vasconcelos

José Carlos de Vasconcelos (Freamunde, Paços de Ferreira, 10 de setembro de 1940) é um advogado, jornalista e escritor português.

Licenciado em Direito, pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Foi dirigente da Associação Académica de Coimbra e chefe de redação do semanário Via Latina, órgão oficial da AAC, e que obteve uma projeção significativa no período da luta dos estudantes contra a ditadura, em 1961-62. Foi também colaborador da revista Vértice. Advogado, profissionalizou-se ao mesmo tempo como jornalista, após entrar, em 1966, no Diário de Lisboa. Já depois do 25 de abril de 1974 seria diretor-adjunto do Diário de Notícias e um dos fundadores do semanário O Jornal, de que veio a ser diretor. Atualmente pertence à direção editorial da revista Visão e é director do Jornal de Letras. Foi dirigente do Sindicato dos Jornalistas. Foi deputado à Assembleia da República, eleito pelo extinto Partido Renovador Democrático, de que foi um dos fundadores. Foi vencedor do Prémio Vasco Graça Moura--Cidadania Cultural em 2017.

Utopias & Distopias:
leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017



José Pacheco Pereira

José Álvaro Machado Pacheco Pereira nasceu na cidade do Porto, no dia 6 de Janeiro de 1949, na freguesia do Bonfim.

Ainda jovem envolveu-se na vida política, em movimentos de oposição ao regime fascista, num período de forte contestação estudantil que teve o seu ponto alto no Maio de 68, em França.

No final dos anos sessenta iniciou a sua vida académica na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, passando depois, no ano lectivo de 1968/1969, para o curso de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Entre 1980 e 1987 foi assistente no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE). Em 1983 lançou a revista Estudos sobre o comunismo: Boletim de estudos interdisciplinares sobre o comunismo e os movimentos comunistas. E, em 1984, com João Carlos Espada e Manuel Villaverde Cabral, fundou o Clube da Esquerda Liberal.

Colabora regularmente em vários órgãos da comunicação social. É comentador político de televisão, em programas como a Quadratura do Círculo, do canal SIC Notícias, que sucedeu ao programa radiofónico Flashback da TSF. E é comentador do Rádio Clube Português.

Profere conferências com regularidade e é autor de várias obras, entre as quais se pode destacar a biografia de Álvaro Cunhal. Coordena e prefacia livros sobre Política, Sociologia e História e tem dois blogs (Abrupto e Estudos sobre o Comunismo). Foi professor na Universidade Autónoma de Lisboa e é actualmente docente do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE). É membro de várias academias científicas e também colaborador de revistas especializadas.

Possui uma extensa biblioteca privada, na sua casa da Marmeleira, com milhares de livros, onde guarda o material recolhido sobre os movimentos marxistas-leninistas e radicais, publicados até ao fim dos anos 70 do século XX.

Nas comemorações do 10 de Junho de 2005, recebeu a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade, uma condecoração concedida pelo Presidente da República Jorge Sampaio.



Margarida Gil

Nasceu na Covilhã

Licenciatura em Germânicas pela Fac. de Letras de Lisboa

Foi realizadora de Televisão até 2003.

Foi docente na Universidade Nova FCSH até 2009 de Televisão e Atelier de Televisão.

É realizadora de Cinema e prepara a sua próxima Longa-metragem que será rodada em Setembro/Outubro.

Comunicação

A mão que embala...

Resumo

A ideia central da minha prestação na Conferência sobre Utopia/ Distopia no Cinema é a analogia que existe entre a tensão entre o tema proposto e a própria máquina do Cinema. O sistema narrativo como o discurso da mão da mãe que conta um conto à criança que desliza para o sono.

Utopias & Distopias:
leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017



Maria Flor Pedroso

Maria Flor Pedroso. Lisboa 1964.

Jornalista. Licenciatura em Sociologia pela Universidade Nova de Lisboa. Começou a sua vida profissional na Rádio Comercial em 1984, passando mais tarde, em 1987 pela RFM. Integrou os quadros da TSF como fundadora da primeira rádio de notícias em Portugal. Foi bolsista por concurso da Flad em 1994 na Boston College of Communication e bolsista por convite do German Marshall Fund em 1996. Em 1997 passa a pertencer aos quadros da RDP-Antena1, como repórter parlamentar. Em 2000 fez uma série de entrevistas a protagonistas políticos no extinto CNL, Canal de Notícias de Lisboa. Em 2003 é nomeada editora de política da Antena 1 com a condução e apresentação de uma entrevista política semanal e coordenação editorial de todas as eleições. Colaborou como consultora em programas da RTP como "A Marcha do Tempo" de Maria Elisa Domingues, e "Prova Oral" de José Eduardo Moniz e Maria Elisa Domingues. Faz narração de documentários como "O Mundo de Cá" de Paulo Varela Gomes e "Périplo" de Miguel Portas e actualmente do programa da RTP "Cuidado com a Língua!" de José Mário Costa. De 2006 a 2010 apresentou "As Escolhas de Marcelo Rebelo de Sousa"

na RTP1 e "Hora de Fecho" que editou e apresentou na RTPN e na RTP informação.

Foi prémio Gazeta Rádio colectivo em 1988, com a reportagem Incêndio do Chiado e Prémio SPA 2015 Melhor Programa de Informação Televisão com "Entrevista Maria Flor Pedroso" que passou entre 2009 até 2015 na RTP2.

Lecciona jornalismo radiofónico no ISCEM e na ETIC.

Utopias & Distopias:
leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017



Miguel Real

Miguel Real, professor do ensino secundário e investigador do CLEPUL - Centro de Literaturas e Culturas Europeias e Lusófonas da Universidade de Lisboa, publicou os romances *Memórias de Branca Dias* (2003), *A Voz da Terra* (2005), *O Último Negroiro* (2006), *O Último Minuto na Vida de S.* (2007), *O Sal da Terra* (2008), *A Ministra* (2009), *As Memórias Secretas da Rainha D. Amélia* (2010), *A Guerra dos Mascates* (2011), *O Feitiço da Índia* (2012), *A Cidade do Fim* (2014), *O Último Europeu* (2015), *O Deputado da Nação* (em co-autoria com Manuel da Silva Ramos - 2016) e (em co-autoria com Filomena Oliveira) as peças de teatro *Uma Família Portuguesa e Europa, Europa!* (2016), e os ensaios *Narração, Maravilhoso, Trágico e Sagrado em "Memorial do Convento" de José Saramago* (1998), *O Marquês de Pombal e a Cultura Portuguesa* (2005), *O Último Eça* (2006), *Agostinho da Silva e a Cultura Portuguesa* (2007), *Eduardo Lourenço e a Cultura Portuguesa* (2008) e *Padre António Vieira e a Cultura Portuguesa* (2008), *A Morte de Portugal* (2007), *Matias Aires. As Máscaras da Vaidade* (2008), *José Enes. Filosofia, Açores e Poesia* (2009), *Introdução à Cultura Portuguesa* (2011), *O Pensamento Português Contemporâneo. 1890 – 2010* (2011), *Nova Teoria do Mal* (2012), *Romance Português Contemporâneo. 1950 – 2010* (2012), *Nova Teoria da Felicidade* (2013), *Comentário a "Mensagem" de F. Pessoa* (2013), *Nova Teoria do Sebastianismo* (2014),

O Futuro da Religião (2014), *Manifesto em Defesa de uma Morte Livre* (2015), *Portugal – Um País Parado no Meio do Caminho. 2000 – 2015* (2015), *O Teatro na Cultura Portuguesa do Século XX* (2016), *Nova Teoria do Pecado* (2017) e *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa* (2017).

Recebeu os seguintes Prémios: Prémio revelação Ficção da As. Port. de Escritores; Prémio revelação de Ensaio da As. Port. de Escritores; Prémio Fernando Namora de Literatura; Prémio Ficção Ler/Círculo de Leitores; Prémio Ficção da Sociedade Portuguesa de Autores, Prémio Jacinto do Prado Coelho da Associação Portuguesa de Críticos Literários e, em conjunto com Filomena Oliveira, o Grande Prémio de Teatro do Teatro Aberto e SPA.

Comunicação

"Figurações da Utopia na Cultura Portuguesa"

Resumo

"Evidenciam-se marcas da utopia na cultura portuguesa por via das teorias vieirina e pessoana do Quinto Império e da Idade do Espírito Santo em Agostinho da Silva e Natália Correia, bem como se teorizarão o estatuto utópico do Sebastianismo, com forte origem nas Trovas de Bandarra".

Utopias & Distopias:
leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017



Paulo Dentinho

Jornalista andarilho, viveu a guerra e a paz em várias latitudes e longitudes. Conversou com tiranos, cruzou-se com humanistas, apertou a mão de poetas, músicos, sonhadores de todo o tipo... Entende o jornalismo como uma missão social marcada por uma exigência de rigor, isenção e imparcialidade.

Após 36 anos de carreira está, de momento, na direcção da RTP

Utopias & Distopias:
leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017



Pedro Gadanho

Pedro Gadanho é curador, autor e arquitecto. É o Director do MAAT, o novo Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia, em Lisboa. Foi curador de arquitectura contemporânea no Museu de Arte Moderna, em Nova Iorque, onde coordenou o Young Architects Program e organizou exposições como 9+1 Ways of Being Political, Uneven Growth, Endless House e A Japanese Constellation. Desde 2000, foi co-director da Experimental Design, comissariou Metaflux, representação portuguesa na Bienal de Veneza de Arquitectura, e foi curador de mostras como Space Invaders, Post.Rotterdam, e Pancho Guedes, Um Modernista Alternativo. Foi o editor do bookazine Beyond, Short-Stories on the Post-Contemporary, do blog Shrapnel Contemporary, e contribuiu regularmente para publicações a nível internacional. Mestre em arte e arquitectura e doutorado em arquitectura e mass-media, é o autor de Arquitectura em Público, Prémio FAD de Pensamento e Crítica em 2012.

Utopias & Distopias:
leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017



Ricardo Pais Mamede

Doutorado em Economia pela Universidade Bocconi (Itália), Mestre em Economia e Gestão de Ciência e Tecnologia pelo Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa (ISEG/UL), e Licenciado em Economia pela mesma instituição.

Professor Auxiliar e Subdirector do Departamento de Economia Política do ISCTE Instituto Universitário de Lisboa, onde lecciona desde 1999 nas áreas da Economia e Integração Europeia, da Economia Sectorial e da Inovação, e das Políticas Económicas.

É actualmente Director do Mestrado em Economia e Políticas Públicas do ISCTE-IUL.

Entre 2008 e o início de 2014 foi Coordenador do Núcleo de Estudos e Avaliação do Observatório do QREN. Foi Director de Serviços de Análise Económica e Previsão do Gabinete de Estratégia e Estudos do Ministério da Economia e da Inovação em 2007 e 2008.

Membro do Dinâmia'CET (Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território).

Interesses de investigação: mudança estrutural e desenvolvimento económico, dinâmicas sectoriais e inovação, e políticas públicas.

Nascido em Coimbra em 1974.

Comunicação

“A União Monetária Europeia: projecto utópico ou distópico?”.

Resumo

“Em As Cidades Invisíveis, Italo Calvino conta-nos a história de Perinzia, uma cidade edificada de acordo com os cálculos exactos dos astrónomos, de modo a reflectir a harmonia do firmamento. Pretendiam os seus fundadores que a graça dos deuses e as razões da natureza moldassem o destino dos habitantes da cidade. Porém, diz-nos o narrador, quem hoje visita Perinzia depara-se com uma cidade medonha, repleta de seres disformes e de gritos guturais. Confrontados com os resultados práticos da sua obra, os astrónomos que conceberam a cidade vêem-se agora forçados a fazer uma escolha difícil: ou admitem que os seus cálculos estavam todos errados; ou revelam que a ordem divina que quiseram reproduzir é exactamente aquela em que se transformou Perinzia. É difícil encontrar melhor metáfora para a União Económica e Monetária (UEM) europeia, mesmo não tendo sido essa a intenção de Calvino.”



Rui Zink

Rui Zink (Lisboa, 1961). Escritor e professor. O livro sagrado da Factologia (Teodolito, 2017) é o seu romance mais recente.

Comunicação

Morte e ressurreição das grandes narrativas

Resumo

As grandes narrativas pareciam moribundas, com a fragmentação pós moderna dos modos de contar e a ascensão das redes sociais, finalmente democratizando a informação. Agora as grandes narrativas estão de volta: mutantes, com roupas novas, com distinta textura (ou talvez mesmo sem textura) mas configurando-se em formas novas onde, embora ainda esteja nublado, já é possível distinguir um padrão ou outro.

Utopias & Distopias: leituras das de ontem e de hoje

05-06 maio 2017



(créditos: Catarina Botelho)

Susana Ventura

SUSANA VENTURA (Coimbra, 1978)

Arquiteta, curadora, escritora e investigadora nas áreas de Teoria de Arquitectura e Estética (Filosofia). Actualmente, dedica-se ao projecto de Pós-Doutoramento intitulado "Para uma arquitectura intensiva: como compor sensações, em arquitectura", na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP). No âmbito deste, recebeu o Prémio Fernando Távora, em 2014. Doutorada em Filosofia, na especialidade de Estética, com a tese "O corpo sem órgãos da arquitectura", sob a orientação científica do Professor Doutor José Gil, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL, 2013), que incluiu residências de investigação nos ateliers de Diller Scofidio + Renfro (Nova Iorque), Lacaton & Vassal (Paris) e Peter Zumthor (Haldenstein). De 2007 a 2011, recebeu a bolsa de Doutoramento pela FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia. Licenciada em Arquitectura pelo Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (darq - FCTUC, 2003) com a prova final "Tenho um Corvo dentro da minha Cabeça, quando me deito por entre as ervas do jardim", sobre o conceito de felicidade no pensamento e obra de Le Corbusier,

orientada pelo Professor Doutor Paulo Varela Gomes e revista pela Professora Doutora Fernanda Bernardo (Filósofa). Em 2014, integrou a representação oficial Portuguesa na 14. Bienal de Arquitectura de Veneza. Foi comissária (juntamente com as Arquitectas Maria Rita Pais e Rita Dourado) da "Habitar Portugal 09_11", Selecção Ordem dos Arquitectos e, actualmente, é co-curadora de "Utopia / Distopia", no MAAT, em Lisboa. Pertence à actual equipa de redacção do Jornal Arquitectos (JA), da Ordem dos Arquitectos (triénio de 2016-2018).

Mais informações: www.susana-ventura.com

Índice

Ficha Técnica.....	2
Apresentação.....	1
Programa.....	2
Alexandre Quintanilha.....	3
Ana Paula Arnaut.....	4
Anabela Freitas.....	5
André Martins.....	6
António Perez Metelo.....	7
David Justino.....	8
Eduardo Paz Ferreira.....	9
Elvira Fortunato.....	10
Fátima Vieira.....	11
Gonçalo M. Tavares.....	12
Guilherme d' Oliveira Martins.....	13
Joaquim Alves da Silva.....	15
João Caraça.....	16
João Costa.....	18
José Carlos Vasconcelos.....	19
Jorge Leitão Ramos.....	20
José Carlos Vasconcelos.....	21
José Pacheco Pereira.....	22
Margarida Gil.....	23
Maria Flor Pedroso.....	24
Miguel Real.....	25
Paulo Dentinho.....	26
Pedro Gadanho.....	27
Ricardo Pais Mamede.....	28
Rui Zink.....	29
Susana Ventura.....	30

Organização



Parceira



Apoio



98FM



92FM